



PAULA FRÖES

Apesar do agravamento da pandemia no estado, a região da Barra registrou no fim de semana aglomerações e pessoas sem máscara

## Unidades de saúde de Salvador estão lotadas

A taxa de ocupação dos leitos de UTI adulto estava em 83% na Bahia e em 79% na capital baiana, no final do dia de ontem. Sete hospitais, em Salvador, fecharam o dia com taxa de ocupação igual ou maior que 90%: Maternidade Professor José Maria de Magalhães Neto (100%), Hospital Covid-19 Itaigara (98%), Hospital Especializado Salvador (95%), Hospital do Subúrbio (94%), Hospital de Campanha Centro de Iniciação Esportiva (94%), Hospital Eládio Lasserre e Hospital Sagrada Família, ambos com 90% de lotação.

Apesar do agravamento da pandemia, ontem pela manhã, entre o Porto e o Farol, o caminho estava tão cheio que era preciso desviar de ciclistas e corredores - quase nunca com máscaras, que estão quase sempre sob o queixo. As praias estavam fechadas, mas, segundo moradores, uma corrida foi realizada logo no início do dia. Na área do Porto da Barra, mais de 30 pessoas deram as mãos, também sem máscara, antes de uma competição de triatlo. Num bar próximo, homens, mulheres e crianças interagiam livremente.

O Hospital Espanhol tem vista para alguns desses trechos. No último final de semana, a psicóloga Larissa Lima repetiu mais de 20 vezes o percurso externo que leva até o contêiner refrigerado onde as vítimas fatais da covid-19 são reconhecidas pelos parentes. Mais de 20 vezes, portanto, ela viu aglomerações, pois o percurso tem uma vista ampla para o Farol. "Incomoda demais", afirma ela.

### SAIBA MAIS

**Como as variantes surgem?**  
As variantes surgem do processo de replicação de um vírus.

**As mutações são um problema?**

Quando uma variante está circulando com intensidade, é necessário observar se ela é mais transmissível, desenvolve a forma mais grave ou não de quem é acometido, se escapa da resposta imune e aumenta os riscos de reinfeção.

**Como se proteger?**

Enquanto não há vacina para todos, as únicas formas de se proteger são o uso correto de máscara e o distanciamento ou isolamento social.

# Ruas cheias, hospitais também

**Pandemia** Novas variantes do coronavírus assustam, mas não impedem aglomerações

**Fernanda Santana**

REPORTAGEM

fernanda.santana@redebahia.com.br

Uma família ia rumo a uma missão que ninguém deseja: reconhecer o corpo de uma pessoa amada. As duas - filha e irmã da mulher de 42 anos vítima da covid-19 - interromperam por dois minutos a caminhada ao avistar uma cena que, para elas, era um desrespeito. E repetiam: "Não estou acreditando nisso", recorda a psicóloga Larissa Lima, 44, que as acompanhava. O que viam era o Farol da Barra lotado. Estavam prestes a se despedir de uma vida enquanto viam uma multidão aglomerada, justo no momento em que o país vive uma segunda onda da pandemia ainda mais mortal. Detalhe: ontem, a taxa de ocupação dos leitos de UTI para covid na Bahia chegou a 83%.

O Laboratório Central de Saúde Pública Professor Gonçalo Muniz (Lacen) já sequenciou 225 genomas completos do Sars-Cov-2, que desencadeia a covid-19, e concluiu, depois de oito meses de estudos, que há 21 linhagens do vírus em circulação na Bahia. Entre elas, três variantes de atenção apontadas pelo Ministério da Saúde: a P.1, de Manaus, a P.2,

do Rio de Janeiro, e B.1.1.7, do Reino Unido.

A cena do início desta reportagem aconteceu no último sábado (22), no Hospital Espanhol, de onde é possível avistar parte da orla e do Farol da Barra, e mostra que o alerta sobre as novas variantes é desrespeitado. Depois da filha e irmã enlutadas ficarem pasmas ao avistar a aglomeração, ao som de batucadas e música alta, a psicóloga Larissa precisou de um intervalo. "O que a gente vê é sinal de horror. É surreal", define Larissa. "Surreal" é o adjetivo que não sai da boca dela. "Já usei mais durante a pandemia que em 44 anos de vida".

O virologista e pesquisador da Fiocruz Ricardo Khoury explica que, no ramo da virologia, são chamadas variantes um subtipo de um microrganismo, que é "geneticamente distinto de uma cepa principal". Isso significa que todas as variantes do Sars-cov-2 são chamadas de variantes porque passaram por diferentes mutações que as diferem entre si, mas não o suficiente para formarem novos vírus.

A variante mais recente que desembarcou no Brasil é a indiana, chamada B.1.617. Os primeiros casos foram confirmados no dia 20 de maio, no Maranhão, em pessoas que estavam a bordo de um navio atracado no litoral do estado. Agora, já são pelo menos 15 casos da variante e o estado de saúde de um indiano de 54 anos, que está internado depois de ser infectado, piorou, segundo boletim divulgado no último final de semana. Ele foi intubado, na Unidade de Terapia Intensiva de um hospital privado de São Luís.

**BAHIA**

Os vírus têm replicações consideradas "falhas", das quais surgem novos microrganismos. São processos comuns a

todos os vírus, não só ao Sars-Cov-2. O problema, no caso das variantes desse vírus, aliada a uma cobertura vacinal ainda baixa, é que as variantes geralmente são os "subprodutos" com mais capacidade de permanecerem vivas e, por isso, de gerarem quadros mais graves da covid-19.

Na Bahia, dos 14,9 milhões de habitantes apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1.445.489 milhão - ou seja, 9.7% - recebeu a segunda dose da vacina contra a doença, mostra painel da Sesab. Em Salvador, dos 2,8 milhões de habitantes, apenas 342.458, ou 12%, já foram completamente imunizados.

As estatísticas oficiais de casos da doença não fazem distinção por variante. Mas, conta o virologista, os pesquisadores conseguem identificar grande predominância das variantes P.1, de Manaus, e da P.2, do Rio de Janeiro, em casos mais graves. Ambas chegaram à Bahia mais expressivamente em janeiro, o que comprova a necessidade de se preocupar com o que ocorre no Maranhão.

"A velocidade com que elas conseguem alcançar o mundo é grande e é muito difícil conter isso", explica Ricardo Khoury. Enquanto não há vacina para todos, os remédios, no entanto, já são conhecidos, e não dependem só "de políticas públicas de afastamento", frisa Khoury.

"Se a população não conseguir se controlar, com o mínimo de segurança, vai ficar muito difícil", avisa. O uso de máscara deve acontecer sempre, inclusive durante a prática de exercícios físicos. "Em qualquer atividade que você fale mais, fique mais ofegante, há produção maior de gotículas de ar e, sem saber, você pode estar doente e transmitir para alguém", alerta.

**Um estudo indicou que as vacinas da Pfizer e da Astra-Zeneca/Oxford são efetivas contra a variante indiana. Mas é bom lembrar que a minoria da população do Brasil está vacinada**